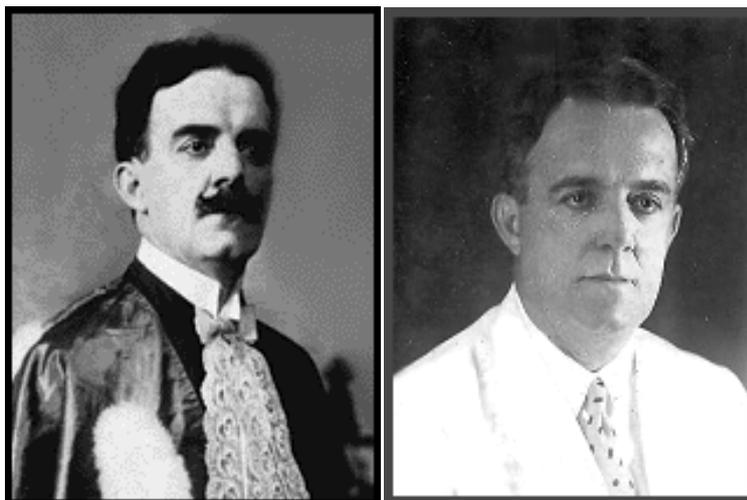


**JÚLIO AFRÂNIO PEIXOTO**  
(17/12/1876 - 12/01/1947)



**PROFESSOR DE MEDICINA LEGAL**

Afrânio Peixoto nasceu em Lençóis, nas Lavras Diamantinas, Bahia, em 14 de dezembro de 1876. Filho de Virgínia de Moraes Peixoto e o capitão Francisco Afrânio Peixoto. Criado no interior da Bahia, cujos cenários constituem a situação de muitos dos seus romances, sua formação intelectual se fez em Salvador, onde se diplomou em Medicina, em 1897 (81ª turma), como aluno laureado. Sua tese inaugural, “Epilepsia e crime” (MEIRELLES et al., 2004), despertou grande interesse nos meios científicos do país e do exterior.

Iniciou sua carreira docente como Preparador de Medicina Legal na Faculdade de Medicina da Bahia, quando o político baiano José Joaquim Seabra, Ministro da Justiça e Negócios Interiores, o convidou, juntamente com Juliano Moreira, para atuar na capital federal. Ambos, que já se encontravam no Rio de Janeiro desde 1902, pediram exoneração das funções docentes na FAMEB, que foi concedida em 1903 (FACULDADE, 1903, p. 431).

O primeiro vínculo na capital federal foi o de inspetor de Saúde Pública (1902) e depois, a convite do diretor e amigo, Juliano Moreira, foi para a diretoria do Hospital Nacional de Alienados (1904). Entre 1904 e 1906, viajou por vários países da Europa, sobretudo na França, com o propósito de ali aperfeiçoar seus conhecimentos no campo de sua especialidade, aliando também a curiosidade de arte e turismo ao interesse do estudo. Nessa primeira viagem à Europa travou conhecimento, a bordo, com a família de Alberto de Faria, da qual viria a fazer parte, sete anos depois, ao casar-se com Francisca de Faria Peixoto. Sobre sua experiência de estudos no Instituto Pasteur, em

Paris, ele “sempre se referia ao que ali ganhou na força do método, como elemento fundamental na sua formação científica” (*apud* LACAZ, 1963, p.40).

Após concurso, em 1906, foi nomeado professor de Medicina Legal e Higiene da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1907) e assumiu os cargos de professor extraordinário da Faculdade de Medicina (1911). Quando da morte de Euclides da Cunha (1909), foi Afrânio Peixoto quem examinou o corpo do escritor assassinado e assinou o laudo.

Alguns autores registram sua ferrenha campanha na Academia Nacional de Medicina contra a indicação de Carlos Chagas, pesquisador responsável pela descoberta do agente etiológico (*Trypanosoma cruzi*), dos vetores e de formas clínicas da Doença de Chagas, para Prêmio Nobel de Medicina de 1921. Houve a “divergência científica” de o bócio endêmico ser “assimilado à tal tripanozomiose”, (...) “para mister impatriótico de gratificar uma fama pessoal com uma calamidade pública” (PEIXOTO, 1922, f. iii-iv).

Alguns chegam a responsabilizá-lo por Chagas não ter obtido o prêmio, ante as divergências entre cientistas no próprio país do indicado (MAIO, 1994), mas deve-se ter cautela, pois foram 44 indicados e nenhum premiado. Enquanto Hilário de Gouveia indicou Chagas, outro brasileiro, C.S. de Magalhães, do Rio de Janeiro, indicou Patrick Manson, como destacou Naftale Katz em conferência no XVII Congresso Brasileiro de História da Medicina, São Luis, 9/11/2012.

Esteve em outros cargos públicos como o de diretor da Escola Normal do Rio de Janeiro (1915); diretor da Instrução Pública do Distrito Federal (1916); deputado federal pela Bahia (1924-1930); professor de História da Educação do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1932). No magistério, chegou a reitor da Universidade do Distrito Federal, em 1935.

A sua estreia na literatura se deu dentro da atmosfera do simbolismo, com a publicação, em 1900, de “Rosa mística”, curioso e original drama em cinco atos, luxuosamente impresso em Leipzig, com uma cor para cada ato. O próprio autor renegou essa obra, anotando, no exemplar existente na Biblioteca da Academia, a observação: “incorrigível. Só o fogo.” Ao vir ao Rio, seu pensamento era de apenas ser médico, tanto que deixara de incursionar pela literatura após a publicação de “Rosa mística”. Sua obra médico-legal-científica avolumava-se. A retomada à literatura foi uma implicação a que o autor foi levado em decorrência de sua eleição para a Academia Brasileira de Letras, para a qual fora eleito à revelia, em 7 de maio de 1910, para a Cadeira n. 7, na sucessão de Euclides da Cunha. Ele estava fora do país, no Egito, em

sua segunda viagem ao exterior. Começou a escrever o romance “A esfinge”, o que fez em três meses. O Egito inspirou-lhe o título e a trama novelesca, o eterno conflito entre o homem e a mulher que se querem, transposto para o ambiente requintado da sociedade carioca, com o então tradicional veraneio em Petrópolis, as conversas do mundanismo, versando sobre política, negócios da Bolsa, assuntos literários e artísticos, viagens ao exterior. Em certo momento, no capítulo "O Barro Branco", conduz o personagem principal, Paulo, a uma cidade do interior, em visita aos familiares ali residentes. Demonstra Afrânio, nessas páginas, a atmosfera (“a força telúrica”) com que impregnou a sua obra novelesca (ACADEMIA, s/d).

O romance, publicado em 1911, obteve um sucesso incomum e colocou seu autor em posto de destaque na galeria dos ficcionistas brasileiros. Na trilogia de romances regionalistas “Maria Bonita” (1914), “Fruta do Mato” (1920) e “Bugrinha” (1922), que foi violentamente criticada pelos modernistas, é importante a análise psicológica das personagens femininas.

Segundo o texto oficial da Academia, Afrânio Peixoto era “dotado de personalidade fascinante, irradiante, animadora, além de ser um primoroso conferencista, conquistava pessoas e auditórios pela palavra inteligente e encantadora”. “Como sucesso de crítica e prestígio popular, poucos escritores se igualaram na época a Afrânio Peixoto” (ACADEMIA, s/d). Por outro lado, o crítico literário Alfredo Bosi, autor do clássico "História Concisa da Literatura Brasileira", fez uma análise contundente sobre algumas das obras literárias de Afrânio Peixoto: "A verdade é que nunca ultrapassaram os lugares-comuns do provincianismo cultural de festejado acadêmico" (*ibidem*).

Afrânio Peixoto - médico legista, professor, político, crítico, ensaísta, romancista, historiador literário - procurou resumir em sua biografia e o seu intenso labor intelectual exercido na cátedra e nas centenas de obras que publicou em dois versos: "Estudou e escreveu, nada mais lhe aconteceu". Ele faleceu no Rio de Janeiro, em 12 de janeiro de 1947.

**Principais obras:** *Rosa mística*, drama (1900); *Lufada sinistra*, novela (1900); *A esfinge*, romance (1911); *Maria Bonita*, romance (1914); *Minha terra e minha gente*, história (1915); *Poeira da estrada*, crítica (1918); *Trovas brasileiras* (1919); *José Bonifácio, o velho e o moço*, biografia (1920); *Fruta do mato*, romance (1920); *Castro Alves, o poeta e o poema* (1922); *Bugrinha*, romance (1922); *Dicionário dos Lusíadas*, filologia (1924); *Camões e o Brasil*, crítica (1926); *Arte poética*, ensaio (1925); *As*

*razões do coração*, romance (1925); *Uma mulher como as outras*, romance (1928); *História da literatura brasileira* (1931); *Panorama da literatura brasileira* (1940); *Pepitas*, ensaio (1942); *Breviário da Bahia* (1946). Além dessas, publicou obras de outros autores e numerosos livros de medicina, história, discursos e prefácios.

## Referências

ACADEMIA Brasileira de Letras. Afrânio Peixoto. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=44&sid=127>>.

Acesso em: 12/11/2008.

FACULDADE de Medicina da Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, v. 34, n.9, p. 431, mar. 1903.

LACAZ, Carlos da Silva. “Afrânio Peixoto”. In: LACAZ, Carlos da Silva. *Vultos da Medicina Brasileira*. São Paulo: Editora Helicomn/Pfizer, 1963. 100p.

MAIO, Marcos Chor. Afrânio Peixoto; notas sobre uma trajetória médica. *Revista SBPC*, n. 11, p.75-81, 1994.

MEIRELLES, Nevolanda Sampaio; Santos, Francisca da Cunha; Oliveira, Vilma Lima Nonato de; Lemos-Júnior, Laudenor P.; Tavares-Neto, José. Teses doutorais de titulados pela Faculdade de Medicina da Bahia, de 1840 a 1928. *Gazeta Médica da Bahia*, v.74, n.1, p. 9-101, jan.-jun. 2004.

PEIXOTO, Afrânio. Carta ao Prof. Miguel Couto, mui digno Presidente da Academia Nacional de Medicina. Rio de Janeiro, Acervo da Academia Nacional de Medicina, 8 dez. 1922.